

Neguinho e Xande de Pinares cantam juntos em álbum

PÁGINA 3



Cia teatral maranhense ocupa o CCBB

PÁGINA 7



Doutor Estranho em nova leva de gibis da Marvel

PÁGINA 8



2º CADERNO



Fred Pontes/Divulgação

Ópera para todos

As apresentações do coro e solistas acontecerão nas suntuosas escadarias do Theatro Municipal

Theatro Municipal reabre projeto gratuito com solistas do coro na hora do almoço

Por **Affonso Nunes**

Após 20 anos, o Theatro Municipal volta a abrir suas portas ao meio-dia com a retomada do projeto “Ópera do Meio-Dia”, que estreia nesta terça-feira (29). Após mais de duas décadas, o público poderá assistir gratuitamente a espetáculos inesquecíveis,

apresentados por solistas do Coro do Municipal, sob a direção do maestro Cyrano Sales. As apresentações acontecem na escadaria interna do teatro, criando uma atmosfera intimista e grandiosa ao mesmo tempo.

“O projeto traz ao público a beleza da ópera de forma leve e acessível. É uma oportunidade única de apreciar as vozes maravilhosas do nosso Coro e mergulhar em títulos inesquecíveis. Do figurino à direção cênica, são as pratas da casa que dão vida ao espetá-

culo. Não percam!”, convida Cyrano Sales.

O espetáculo de abertura será a comédia “Don Pasquale”, de Gaetano Donizetti. Ao longo do ano, o projeto também contará com apresentações de “L’italiana in Algeri”, de Gioachino Rossini, prevista para integrar a programação especial de aniversário do Municipal em julho; “Turandot” e “La Bohème”, de Giacomo Puccini; “João e Maria”, do alemão Engelbert Humperdinck, voltada para o público infantil em outubro; e, no encerramento da temporada, um concerto especial de músicas natalinas, junto a tradicional árvore do Foyer.

“Foram mais de 20 anos de hiato, mas ago-

ra, o projeto volta para ficar”, avisa a presidente da Fundação Teatro Municipal, Clara Paulino

Os ingressos serão distribuídos gratuitamente na bilheteria do Municipal, uma hora antes de cada apresentação. Quem estiver participando das visitas guiadas também poderá assistir às performances, que terão acompanhamento de piano.

SERVIÇO

ÓPERA AO MEIO-DIA - DON PASQUALE
Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia) | 29/4, às 12h
Entrada franca, com retirada de bilhetes uma hora antes da apresentação

Irreverência não tem idade

Banda que ressignificou o humor no rock brasileiro, a Pedra Letícia celebra 20 anos de estrada com show em formato teatralizado

Por **Affonso Nunes**

Quando se fala em Goiânia, o pensamento imediato costuma ser a música sertaneja. Mas a cidade também é berço de outras sonoridades — e a Pedra Letícia é prova disso. Formada em 2005, a banda se tornou um dos grandes nomes do rock cômico brasileiro, combinando talento musical e humor afiado. Com Fabiano Cambota nos vocais, Kuky Sanchez no baixo e Pedro Tor-

res na bateria, o grupo se apresenta no Teatro Riachuelo Rio em única sessão nesta quarta-feira (30).

A trajetória começou de maneira despretensiosa, nos bares da capital goiana, até ganhar proporções nacionais em 2007. O videoclipe de “Como que Você Pode Abandoná Eu?” viralizou no YouTube, somando mais de 5 milhões de visualizações e abrindo portas em programas de TV, rádios e veículos de imprensa.

Em 2009, a vitória no concurso “Garagem do Faustão”, no Domingão do Faustão (TV Globo), consolidou o sucesso. Mais tarde, entre 2016 e 2018, a Pedra Letícia reforçou sua presença na mídia como banda residente do Programa do Porchat (TV Record).

Nos últimos quatro anos, uma nova guinada: em parceria com a Casa de Artistas, o grupo deixou os bares para apostar em shows teatrais, mais intimistas e imersivos. O espe-



Contrariando a lógica de que Goiânia só tem música sertaneja, o Pedra Letícia conquistou o Brasil com seu rock de humor afiado

cial de 19 anos, gravado recentemente, simboliza essa fase de maturidade artística sem perder a essência irreverente.

Com quatro álbuns de estúdio e três gravados ao vivo, a Pedra Letícia prova que a combinação de boas músicas e letras bem-humoradas continua cativando públicos de

todas as idades. Além de vocalista, Fabiano Cambota também se destaca como comediante e apresentador de A Culpa é do Cabral (Comedy Central), o que amplia ainda mais a projeção do grupo.

SERVIÇO

PEDRA LETÍCIA

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia) | 30/4, às 20h
Ingressos entre R\$ 45 e R\$ 140

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Estética imperfeita

A cantora e compositora Gabriella Lima apresenta o clipe de “Atlântico”, uma música que celebra suas raízes e conexão com a família. O vídeo foi gravado na Barra do Sahy, litoral norte de São Paulo, em formato analógico, utilizando uma câmera soviética dos anos 1970 e película 16mm. Dirigido por Luiz Whately, o clipe foi filmado com total sintonia entre os envolvidos, onde cada plano tinha um propósito. Gabriella destaca que a estética das imperfeições, resultado da película, deu alma ao filme.

Reprodução YouTube



Caldeirão sonoro

Marya Bravo divulga o single “Avisai”, a segunda faixa do seu álbum autoral, com lançamento no próximo dia 14. A canção mistura elementos da música brasileira, rock alternativo, hip hop e eletrônica, mantendo a ousadia de seu trabalho anterior, “Eterno Talvez”. Com influências tropicais e interpretação marcante, a faixa fala abertamente de desejo e prazer, ao mesmo tempo em que combina guitarras rasgantes e melodia suave. A faixa foi produzida com a participação de Dony Von. “Temos desenvolvido uma experiência muito rica de criação em nosso estúdio”, diz a cantora.

Reprodução YouTube



Clipe nostálgico

Kauan Calazans lança o videoclipe de “Mentalize (Ruxell Remix)”, dirigido por Lucas Rangel. A produção homenageia a amizade entre os dois artistas e o impacto da cena musical independente carioca. Em tom nostálgico, o vídeo rememora os primeiros passos de Kauan e Ruxell, quando formaram uma banda de rock na adolescência e começaram a se envolver com a música. Também destaca a importância da Elam, escola de música de Jacarepaguá (Zona Oeste) do Rio, que foi ponto de encontro essencial para muitos artistas da geração atual.

Por Affonso Nunes

Neguinho, o eterno intérprete da Beija-Flor de Nilópolis, se despediu dos desfiles mas nem por isso deixa de ser reverenciado. Muito pelo contrário. O álbum “Empretecendo” é uma justa homenagem a essa lenda do samba. O cantor, que dedicou mais de 50 anos à frente da escola de samba Beija-Flor, se despede dos palcos com uma obra que celebra sua história e a força da música preta brasileira. Junto a ele, Xande de Pilares, um dos grandes nomes do samba contemporâneo, assina este trabalho que, além de ser um marco na carreira de Neguinho, também reverencia o samba tradicional e a diversidade que compõe a identidade cultural do Brasil.

“Empretecendo” é a primeira produção de Xande e Luciano Broa. O projeto conta com 19 faixas, sendo quatro inéditas, e reúne grandes nomes do samba e da música popular brasileira. Ferrugem, Zeca Pagodinho, Teresa Cristina, Pique Novo, Renato da Rocinha, Andrezinho do Molejo, Helinho do Salgueiro, Swing e Simpatia, Revelação e Vando Oliveira fazem participações especiais, ampliando a paleta de estilos e mostrando que a riqueza e diversidade da chamada música preta brasileira.

As gravações começaram no segundo semestre de 2024, atravessando o período do Carnaval, e marcaram o retorno de Neguinho aos estúdios, após sua despedida das avenidas. O trabalho não só celebra a trajetória de Neguinho, mas também reforça a relevância do samba no cenário atual, trazendo à tona temas que continuam sendo debatidos na sociedade brasileira.

A faixa-título, “Empretecendo” - de Jonathan Fernandes Vieira, Rodrigo Cavanha, Wilsinho Paz, Serginho Sumaré, Théo Ribeiro, Léo Freire, Felipe Mussili e do próprio Neguinho - traz um forte posicionamento antirracista, exaltando a importância do orgulho negro.

Outro ponto de destaque do álbum é a faixa “Borracha Fraca”, que denuncia a violência de gênero, tema que tem ganhado cada vez mais atenção no Brasil, país que lidera as estatísticas de violência contra mulheres. A letra de “Borracha Fraca” é contundente ao criticar a postura machista e a hipocrisia de homens que se mostram violentos em casa, mas fracos quando enfrentam outros homens. Já “Samba, O Gosto da Minha Comida” traz uma homenagem à mulher de Neguinho, Elaine Reis, com quem o cantor compartilha a alegria e a confiança que alimentam sua vida e sua música.

O álbum também não abre mão do humor e da picardia que são marcas registradas



Neguinho da Beija-Flor e Xande de Pilares em ensaio produzido pelo renomado fotógrafo Walter Firmo

De fã para ídolo (e vice-versa)

Neguinho da Beija-Flor e Xande de Pilares gravam álbum que reverencia o repertório do eterno intérprete da escola de Nilópolis

do samba carioca. A faixa *”Zé Bonitinho”* é uma brincadeira divertida sobre o tipo de homem que se comporta de forma exagerada após algumas doses de bebida, mantendo a leveza que caracteriza o gênero. Além disso, clássicos do samba, como “Negra Ângela”, “Gamação Dana-da / Bem Melhor que Você”, “Problema Social” e “Menino de Pé no Chão”, completam o álbum.

A capa do disco foi criada pelo artista



Divulgação

visual Marcelo Ment, especializado em realismo, e as fotos do projeto são de Walter Firmo, um dos maiores fotógrafos brasileiros vivos. Firmo registrou os dois cantores em Nova Iguaçu, na casa onde Neguinho cresceu, trazendo uma conexão visual com a história pessoal

e musical de ambos.

O projeto foi inicialmente concebido por Xande como uma forma de homenagem ao seu grande ídolo, que era apenas o produtor

do projeto, passou a atuar como cantor, e a ideia original de um álbum solo de Neguinho se transformou em um dueto. O resultado é uma parceria emocionante, que revela a cumplicidade e o respeito mútuo entre os dois artistas. Xande destaca a importância de Neguinho. “Ele não é só o intérprete da escola; é um cara que faz parte da história do samba que eu conheço”, afirmou.

Xande de Pilares comenta que “Empretecendo” surge como um réquiem em vida a um de seus grandes ídolos. “A ideia nasce pela importância de pessoas como o Neguinho na minha vida. Não só ele, mas Zeca (Pagodinho), Mussum, Almir Guineto, Arlindo Cruz, Nei Viana, Dominginhos do Estácio, Aroldo Melodia, Pedrinho da Flor e Jamelão, entre outros”, listou. A decisão de cantar juntos todas as faixas foi tomada após a revelação de que seria o último ano de Neguinho na Beija-Flor. “Gravei um disco com meu ídolo”, comemora Xande.

Neguinho, por sua vez, se entregou ao projeto de corpo e alma, dividindo seu tempo entre as gravações e os compromissos com a Beija-Flor, que naquele ano se sagrou campeã do Carnaval. Ele também compartilhou sua gratidão pelo trabalho com Xande, dizendo: “Nem nos meus melhores sonhos imaginaria um presente desses”. Para ele, a parceria com Xande trouxe uma nova alegria ao seu trabalho. “A alegria dessa nova parceria está pelo disco todo. Muita felicidade! Mas é aquilo: quem sabe rezar não xinga Deus”, brinca o cantor.

Documentário celebra a revolução musical do Clube da Esquina em sessões gratuitas e acessíveis pelo estado

Por Affonso Nunes

Depois de ganhar destaque em festivais e no circuito nacional em 2024, o documentário “Nada Será Como Antes – A música do Clube da Esquina”, dirigido por Ana Rieper, iniciou, no começo de abril, uma nova circulação por cidades do interior do Rio de Janeiro e cineclubes, aproximando música e cinema de diferentes comunidades. No próximo dia 7, o Instituto Benjamin Constant, na Urca, receberá uma sessão especial do filme, às 10h, com entrada gratuita e audiodescrição para alunos e frequentadores da instituição com deficiência auditiva.

A iniciativa amplia o alcance de uma das produções musicais mais celebradas dos últimos anos, revisitando o processo criativo de Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta e outros músicos que, em 1972, mudaram os rumos da música brasileira com o álbum “Clube da Esquina”.

O projeto é realizado com o apoio do Governo Federal, Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro e Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, por meio da Lei Paulo Gustavo.

“Estamos falando de um filme que precisa ser visto em tela grande. Esse projeto nos permite



Beto Guedes em depoimento à diretora Ana Rieper durante as filmagens do documentário ‘Nada Será Como Antes’

O som que transformou a MPB

chegar mais longe e a públicos que nem sempre têm acesso a produções como essa. E, principalmente, proporciona que o Clube da Esquina continue ecoando em novas gerações”, afirma Ana Rieper, que participará de rodas de conversa após as sessões gratuitas em diversas localidades.

Entre os locais que receberão

o documentário gratuitamente estão a Areninha Hermeto Pascoal, em Bangu, as salas do projeto Cine + em Guapimirim, Itaocara, Casimiro de Abreu e Areal, além de exhibições em Miracema, Quissamã, Lumiar e outras cidades.

No circuito comercial, com ingressos a preços acessíveis, o filme também chegará a municí-

pios do interior fluminense que não haviam recebido o longa em sua estreia, ampliando as oportunidades para que mais espectadores experimentem a força do documentário na tela grande.

Lançado em 1972, “Clube da Esquina” é reconhecido como um dos álbuns mais importantes da história da música brasileira e mundial. Milton Nascimento e

Lô Borges — este com apenas 16 anos na época das composições —, ao lado de Nivaldo Ornelas, Toninho Horta, Beto Guedes, Robertinho Silva, Flávio Venturini, Wagner Tiso, Márcio Borges e outros músicos, criaram uma sonoridade que rompeu fronteiras entre o regional e o universal, influenciando gerações de artistas no Brasil e no mundo.

“Nada Será Como Antes – A música do Clube da Esquina” resgata memórias e histórias pouco conhecidas de um movimento que transcendeu seu tempo e se consolidou como símbolo de arte e resistência. Com imagens sensíveis, relatos emocionantes e músicas que atravessam gerações, o documentário oferece ao público uma imersão audiovisual em um dos momentos mais transformadores da música brasileira.

Triunfo brasileiro no front iberoamericano

Alile Dala Onawale/Divulgação

“Ainda Estou Aqui” reafirma sua vocação para o sucesso e conquista o Prêmio Platino, superando uma concorrência de peso

Por Affonso Nunes

Desde sua estreia, “Ainda Estou Aqui” vem traçando uma trajetória rara e brilhante para o cinema brasileiro no cenário internacional. O filme, dirigido por Walter Salles, estreou há pouco mais de um ano em um dos mais prestigiados festivais de cinema do mundo, conquistando a crítica e o público com sua sensibilidade e força narrativa. A partir dali, iniciou uma caminhada que culminaria, meses depois, na vitória histórica no Oscar de Filme Internacional — uma conquista inédita para o Brasil.

Agora, “Ainda Estou Aqui” acrescenta mais um capítulo memorável à sua história. Neste domingo, na 12ª edição do Prêmio Platino, em Madri, a produção foi novamente celebrada, reforçando seu lugar como um marco da cinematografia ibero-americana. Considerado o prêmio mais importante para filmes e séries da América Latina, Espanha e Portugal, o Platino consagrou “Ainda Estou Aqui” em três das suas categorias principais: melhor filme, melhor direção para Walter Salles e melhor atriz para Fernanda Torres, pela interpretação arrebatadora



Fernanda Torres conquistou corações e mentes no Brasil e exterior em ‘Ainda Estou Aqui’. Sua atuação arrebatadora no longa de Walter Salles foi reconhecida com mais um prêmio, desta vez em Madri

ra de Eunice Paiva.

A cerimônia teve a atriz Valentina Herszage, intérprete de Vera Paiva no longa, e o produtor Rodrigo Teixeira representando Fernanda Torres e Walter Salles, que não puderam comparecer. O reconhecimento se deu em meio a uma concorrência de peso: “Ainda Estou Aqui” disputava com cineastas como Pedro Almodóvar, de “O Quarto ao Lado”; Arantxa Echevarría, de “La Infiltrada”; e Luis Ortega, de “El Jockey”.

Antes de brilhar no Prêmio Platino, o filme já havia acumulado uma impressionante coleção de prêmios em festivais internacionais como Veneza, Berlim e Toronto, passando por eventos

importantes dos Estados Unidos e América Latina, “Ainda Estou Aqui” arrebatou júris e plateias com sua abordagem delicada e poderosa sobre a memória, a resistência e a luta por justiça ao narrar a saga da advogada e ativista Eunice Paiva em sua batalha para que o Estado brasileiro reconhecesse o assassinato de seu marido, o ex-deputado Rubens Paiva, pela ditadura militar.

A presença constante do longa entre os finalistas e premiados consolidou Walter Salles como uma das grandes vozes autorais do cinema contemporâneo, destacando a força da produção brasileira no cenário mundial.

O filme também foi reconhe-

cido pela Academia Brasileira de Cinema. A extraordinária trajetória do filme levou a diretoria da Academia a decidir oferecer ao longa o Prêmio Especial Grande Otelto 2025. A cerimônia de entrega está marcada para o dia 30 de julho, na Cidade das Artes. O prêmio seria entregue a Walter Salles e Fernanda Torres, em nome de toda a equipe. No entanto, para que isso acontecesse, seria necessário retirar o filme da competição e alçá-lo à categoria “hors concours”.

No entanto, os produtores de “Ainda Estou Aqui” solicitaram que o longa permanecesse na disputa. Em respeito ao desejo dos produtores, a Academia Brasileira de Cinema recolocou o filme

em todas as categorias por eles inscritas e retirou a homenagem especial.

Além da vitória de “Ainda Estou Aqui”, o Brasil também se destacou no Prêmio Platino com “Senna”, eleito na categoria de melhor criação de série. Os criadores Vicente Amorim, Fernando Coimbra, Luiz Bolognesi e Patrícia Andrade levaram a estatueta, confirmando o bom momento da ficção nacional. “Senna” concorria em quatro categorias, incluindo melhor minissérie, em que competia com outra produção brasileira, “Cidade de Deus: A Luta não Para”. O prêmio, no entanto, ficou com a colombiana “Cem Anos de Solidão”.

Divulgação



Selton Mello em 'O Cheiro do Ralo', que virou um sucesso comercial surpreendente para títulos de orçamento baixo

Perfume de excelência

Às vésperas de completar 20 anos, 'O Cheiro do Ralo', adaptação do cult literário de Lourenço Mutarelli, estreia na MUBI, que resgata uma das mais potentes atuações de Selton Mello

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dono de um currículo invejável de láureas numa travessia que incluiu as telas de Sundance, nos EUA, "O Cheiro do Ralo" (2006) fez a indústria cultural do audiovisual descobrir um multiverso de loucuras e genialidades chamado Lourenço Mutarelli, um dos quadrinistas mais singulares do país em trânsito para a literatura. Ele é ator no badalado "Que Horas Ela Volta?", que botou o Brasil no bolso há dez anos.

Faz um pai e marido (rico e entediado) que integra o núcleo dos padrões de Regina Casé no sucesso de Anna Muylaert. Ela incluiu esse artista gráfico no elenco de "A Melhor Mãe Do Mundo", projetado (e elogiado) na Berlimale, em fevereiro. Mutarelli atua no filme baseado em seu experimento literário mais famoso.

Seu "O Cheiro..." foi parar nas salas de cinema pelas mãos do diretor Heitor Dhalia. Estreou no Festival do Rio 19 anos atrás e ganhou lá o Grande Prêmio do Júri, o Prêmio da Crítica da Fipresci (sigla para Federação Internacional

de Imprensa Cinematográfica) e o troféu de Melhor Ator, entregue a uma estrela que foi um sol para o longa-metragem: o mineiro Selton Mello. A atuação magistral dele volta a brilhar agora que a produção ganha uma nova vitrine: a MUBI.

Selton vem sucessivamente somando vitórias recentes. Está no ar no Globoplay no papel do engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva de "Ainda Estou Aqui", que vendeu 5,8 milhões de ingressos e ganhou o Oscar. Paralelamente, combinou forças com Matheus Nachtergaele para conduzir "O Auto da Compadecida 2" à marca de 4,2 milhões

de pagantes, de 25 de dezembro até março. Agora, a engraçada aventura de João Grilo e Chicó se populariza na Amazon Prime.

Envolvido no remake de "Anaconda" nos Estados Unidos, com Jack Black e Paul Rudd, Selton há de voltar ao circuito este ano ainda com "Enterre Seus Mortos", de Marco Dutra, além de estar empenhado na nova temporada da série "Sessão de Terapia". A entrada de "O Cheiro do Ralo" no www.mubi.com expande suas chances de se comunicar com novas plateias, via streaming.

Conhecido pelo thriller soturno "Nina" (2004), Dhalia ganhou prestígio internacional depois de ter adaptado o livro de Mutarelli, tendo Selton também no posto de produtor. O astro visitava as salas de exibição em que a fita era lançada, como o Odeon, para clamar pela atenção do público pagante a uma narrativa inusitada para os padrões nacionais da chamada Retomada. Era esse o nome da onda de produções idealizadas e lançadas de 1995 a 2010 – entre "Carlota Joaquina – A Princesa do Brasil" e "Tropa de Elite 2" – à força de editais e fomentos públicos, a se destacar a Lei do Audiovisual, surgidos

como resposta política à extinção da Embrafilme.

"O Cheiro do Ralo" foi um filme de repercussões inimagináveis", orgulha-se Dhalia, em depoimento ao Correio da Manhã, carregando no currículo uma indicação ao Prix Un Certain Regard de Cannes com "À Deriva" (2009). "O filme impulsionou minha carreira para fora do Brasil, quando fomos selecionados para Sundance. Ganhamos a Mostra de São Paulo. O filme virou um clássico do nosso cinema exatamente pelo elemento de subversão narrativa contido nele. Amo esse filme até hoje. É uma referência na minha obra."

Na trama, fotografada de modo dionisíaco por José Roberto Eliezer, Selton vive Lourenço, dono de uma loja de penhores que humilha seus clientes numa prática sádica de pequeno poder que arranha a perversidade. Maltrata uma jovem na fissura que lhe pede ajuda, esculhamba um idoso dizendo "não gostei da sua cara" e é rude com um encanador que tenta dar conta de um de seus maiores desafios: uma fragrância pútrida que sai da fossa de sua loja. É como se o odor de enxofre do Inferno estivesse saindo do tal ralo do título. Em meio a uma histeria com esse futum, Lourenço se apaixona por (um detalhe da anatomia de) uma garçonete (Paula Braun).

Rodado num esquema financeiro de cinto apertado, apoiado na camaradagem da equipe, "O Cheiro do Ralo" virou um sucesso comercial surpreendente para títulos de orçamento baixo (fontes da época estimam seu custo em R\$ 300 mil). "O Cheiro do Ralo" me ensinou que qualquer filme pode ser feito. Aprendi a acreditar na força dos universos fechados, quando tema e partido estético dão as mãos numa unidade explosiva", diz Dhalia, que, associado a séries de sucesso ("Arcanjo Renegado" e "DNA do Crime"), tem projetos cinematográficos por vir. "Estou desenvolvendo dois longas: uma adaptação dos 'Sertões' de Euclides da Cunha e um filme sobre a remoção das favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro no final dos anos 1960", revela o realizador.

Guto Muniz/Divulgação

A Pequena Companhia de Teatro, uma das mais importantes referências do teatro maranhense, ocupa o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro com uma temporada especial que celebra seus 20 anos de trajetória. Fundado em 2005, o premiado grupo, composto pelos atores Cláudio Marconcine e Jorge Choairy, pelo encenador Marcelo Flecha e pela produtora Katia Lopes, traz uma programação repleta de atividades que combinam espetáculos, debates, uma oficina e uma mostra artística. A ocupação ocorrerá no Teatro 3 do CCBB RJ até o dia 9 de junho e todas as atrações são gratuitas.

A temporada apresenta quatro espetáculos emblemáticos, cada um com uma proposta única, mas todos partindo da transposição de grandes obras literárias para o palco. “Velhos Caem do Céu Como Canivetes”, baseado na obra de Gabriel García Márquez, abre a programação e fica em cartaz até 5 de maio. De 8 a 19 de maio, será a vez de “Pai & Filho”, adaptação da obra de Franz Kafka. Em seguida, “Ensaio sobre a memória”, inspirado nos textos de Jorge Luís Borges, estará em cartaz de 22 de maio a 2 de junho, e, por fim, “Desassossego”, baseado nas obras de Fernando Pessoa, encerrará a ocupação de 5 a 9 de junho.

Além dos espetáculos, a programação conta com uma série de debates que ocorrerão após as apresentações, nos dias 3, 17 e 31 de maio, e 7 de junho. Esses encontros visam aprofundar a reflexão sobre os temas abordados nas obras e na prática artística do grupo. O CCBB também oferecerá sessões inclusivas com intérprete de libras, nos dias 27 de abril, 11 e 25 de maio, e 8 de junho, todas aos domingos, às 18h.

“No ano em que o Rio de Janeiro é a Capital Mundial do Livro, buscamos incluir na nossa programação projetos que dialoguem com a literatura. Os espetáculos da Pequena Companhia, inspirados em grandes textos da literatura mundial, contribuem para incentivar a leitura e fortalecer a conexão do público



Os atores Jorge Choairy (esq) e Cláudio Marconcine em ‘Velhos Caem do Céu Como Canivetes’, dramaturgia baseada em conto de Gabriel García Marquez

Vinte anos de arte e reflexão

A Pequena Companhia de Teatro, do Maranhão, ocupa o CCBB RJ até 9 de junho com quatro espetáculos, uma mostra artística, debates e oficina

brasileiro com a arte literária”, comenta Caroenha Neves, Gerente de Conteúdo do CCBB RJ.

Marcelo Flecha, diretor da companhia, também expressa grande entusiasmo com a oportunidade de apresentar a obra do grupo no Rio de forma tão abrangente. “Estamos com uma grande expectativa, pois é a primeira vez que apresentamos nossa trajetória de maneira tão completa na cidade. Nossos espetáculos têm sempre um ponto de partida em debates sobre temas que queremos explorar em cena. A partir disso, iniciamos uma pesquisa em

textos dramaturgicos e literários, criando dramaturgias que fazem uma transposição desses textos para o palco. Entre os temas que abordamos, estão as relações de poder no núcleo familiar, o apagamento da memória, a fé e o exílio”, detalha.

Além dos espetáculos, o público poderá conferir a Pequena Mostra de Teatro, uma exposição que reúne imagens, diários, ilustrações e outros materiais que retratam o processo de criação e desenvolvimento do grupo. A mostra estará em cartaz de 1º de maio a 9 de junho e ficará aberta de quarta a se-

gunda, das 9h às 20h. A exposição destaca o conceito de artesanania no teatro, o compromisso com a sustentabilidade e a pesquisa da linguagem teatral, com ênfase na dramaturgia do ator e no teatro como ferramenta de reflexão crítica.

“Nos 20 anos de carreira, desenvolvemos um método de treinamento de ator chamado ‘Quadro de Antagônicos’, que já foi objeto de estudos e oficinas em várias cidades do Brasil”, explica Flecha. Esse método visa a construção de personagens que fogem da naturalidade convencional e exige uma

abordagem física e intensa dos atores, criando figuras que desafiam as normas estabelecidas de atuação.

Os espetáculos da Pequena Companhia de Teatro têm a característica de dispensar recursos técnicos tradicionais oferecidos pelos espaços onde são apresentados. Cenários, iluminação artesanal e sonoplastia fazem parte das encenações e são adaptáveis a qualquer tipo de espaço, desde palcos italianos a espaços alternativos. Esse processo estético também será abordado na oficina “Artesanias iluminocenográficas: desenvolvendo tecnologia a partir da obsolescência”, que será ministrada nos dias 30 de abril, 14 e 28 de maio. Flecha explica: “Essa oficina busca compartilhar nosso olhar crítico sobre a obsolescência programada, que também se reflete em nossas escolhas estéticas. Queremos mostrar como é possível criar uma tecnologia sustentável e criativa, sem depender dos recursos técnicos mais caros e convencionais.”

SERVIÇO

VELHOS CAEM DO CÉU COMO CANIVETES

Teatro III - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro) Até 5/5, de quinta a sábado e segunda (19h), domingos (18h) e segundas (19h) | Entrada franca

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Boa de reclames publicitários, a Marvel encontrou uma maneira bombástica de promover sua nova linha de HQs do Doutor Estranho, com a impactante chamada: ‘O Feiticeiro Supremo não existe mais!’. A publicidade é eficaz, mas a trama que a sustenta é mais intrigante. Victor von Doom, o astuto Dr. Destino, manipulou o Dr. Stephen Strange, o mestre das artes místicas, para que este lhe entregasse o título e a posição de senhor da magia.

Com essa aquisição de poder, Doom exerce seu domínio sobre o mundo, enquanto Strange enfrenta uma profunda crise de identidade. Em busca de um novo propósito e alimentando um desejo de vingança, ele empreende uma jornada para Asgard, na esperança de que o reino de Thor possa estar à procura de um mago para integrar suas fileiras. Loki, o traçoeiro irmão do Deus do Trovão, mostra-se disposto a oferecer auxílio, mas essa ajuda vem carregada de uma armadilha perversa, e Strange logo percebe que ascender à maior autoridade mágica de Asgard será uma empreitada muito mais complexa do que ele inicialmente imaginava.

Derek Landy é o responsável pelos roteiros dessa empolgante saga, que ganha vida através dos desenhos de Carlos Magno. Por meio dessa narrativa, um fleumático vigilante, cuja popularidade no streaming está em ascensão, conquista uma bem-vinda sobrevida no universo dos quadrinhos. Esse aquecimento nos bastidores da indústria editorial dos EUA também se reflete no carinho da Panini Comics, sua editora em português, que lhe dedica mimos especiais, com destaque para uma minissérie eletrizante em que o mago se torna um implacável caçador de vampiros. ‘Caçada Sangrenta’, já disponível nas bancas, coloca Stephen frente a frente com sanguessugas, levando-o a um confronto direto com o lendário Conde Drácula. Em paralelo, a Panini resgata e relança nas prateleiras das livrarias e quiosques a aclamada graphic novel ‘Triunfo e Tormento’.

Nessa história, a cada véspera do solstício de verão, o já mencionado Von Doom, o despota da nação de Latvéria, enfrenta as forças do Mal em uma tentativa desesperada de libertar a alma de sua mãe das profundezas do inferno. Somente quando o Doutor Estranho se convence a unir forças com seu antigo adversário nessa luta sombria, Destino vislumbra alguma esperança de alterar o resultado a seu favor.

Esses lançamentos de revistas ganham destaque no site da Panini no mesmo perí-



Estranho é perder a saga do Feiticeiro Supremo



Em meio ao êxito de ‘Multiverso da Loucura’ no streaming, novos quadrinhos ampliam o mito de Stephen Strange, o senhor da magia no universo Marvel

do em que o mais recente longa-metragem de Stephen Strange conquista o público na plataforma Disney +. ‘Doutor Estranho no Multiverso da Loucura’ é uma afirmação da

autoridade de um cineasta com uma assinatura estilística marcante – Samuel Marshall Raimi –, que, agora sexagenário, revisita códigos que começou a manipular de forma quase

artesanal, com recursos limitados, a partir do cult ‘Darkman: Vingança sem Rosto’ (1990).

A bilheteria estrondosa que o filme alcançou, beirando os US\$ 955 milhões, atesta seu sucesso. A dedicação quase reverente do ator inglês Benedict Cumberbatch ao seu papel mais pop; uma direção de arte exuberante que transporta o espectador para outras dimensões; uma edição frenética que intensifica a ação; as numerosas aparições de heróis que ainda não tiveram destaque no Marvel Studios (como um certo cientista com habilidades elásticas e o enigmático Rei dos Inumanos); e uma inteligente assimilação dos códigos do terror (o gênero preferido de Raimi) garantem às plateias um espetáculo de tensão crescente e maravilhamento constante.

Além disso, a narrativa conta com o retorno de Sir Patrick Stewart como o icônico Professor Xavier. Mas existe nessa trama complexa, em que o Mago (quase) Supremo desafia as intrincadas lógicas fractais da Existência, saltando entre realidades paralelas, a catarse de um processo histórico fascinante. Um processo que a indústria cinematográfica vem construindo em uma relação simbiótica com as histórias em quadrinhos ao longo de décadas. Remontamos ao final dos anos 1990, quando ‘O Show de Truman’ (1998), de Peter Weir – que serviu de inspiração para o pôster oficial do 75º Festival de Cannes –, anunciou o nascimento de uma nova forma de dramaturgia para o audiovisual: os reality shows, que, em seu auge, alimentaram uma crescente demanda pelo consumo do Real nas mais diversas telas. O documentário brotou nesse contexto, a partir de 1999, como uma força narrativa que se expandia por diferentes plataformas midiáticas, chegando ao ponto de se mesclar com a ficção, como evidenciado, naquele mesmo ano, pelo vencedor da Palma de Ouro: ‘Rosetta’, dos irmãos Dardenne, um drama de realismo cru e impactante.”